

EVOLUÇÃO DO CORPO DE OFICIAIS DO EXÉRCITO FRANCÊS

Capitão NEYRON DE SAINT-JULIEN

("Revue Militaire D'Information", dezembro de 1964)

Trad. do Ten-Cel Art (QEMA)

RUBENS MARIO JOBIM

NECESSIDADE DE UMA INVESTIGAÇÃO

"O término dos combates na Argélia encerrou definitivamente um capítulo decisivo da história militar da França contemporânea. Findou-se um período que se encontra agora entregue às especulações da história." É desta perspectiva de estudo, de compreensão e de explicação que os "Cadernos da Fundação Nacional de Ciências Políticas" apresentaram uma *enquête* que apareceu sob o título "*A crise militar francesa — 1945-1962*". Este trabalho, publicado sob a direção de Raoul Girardet, diz exclusivamente respeito ao Exército. Tal limitação é evidentemente razoável e é preciso concordar com Jean Meynaud quanto a que "nenhuma análise séria poderia ser conseguida sem uma prévia decomposição das Forças Armadas em categorias, apresentando um mínimo de coerência e homogeneidade". Por outro lado, os problemas não são propostos para a Marinha e a Aeronáutica nos mesmos termos que para o Exército. Limitar-nos-emos, pois, estritamente, ao estudo do último.

Sobretudo para o Exército, "os dezessete anos que se passaram entre o fim da Segunda Guerra Mundial e a conclusão da guerra da Argélia, representam um período de ruptura e de mutação. Em que medida estas mutações correspondem a profundas transformações do sistema de recrutamento militar"? Durante este mesmo lapso de tempo, como se apresentou a estrutura do quadro de oficiais e qual foi o sistema de vida destes últimos? Estas análises apresentam o maior interesse, visto que, praticamente, nenhuma *enquête* sociológica séria foi empreendida antes, prestando-se pouco o próprio Exército a tal gênero de investigação. Um certo número de novos fenômenos deveria alterar as condições do problema. Primeiramente, nunca a atenção do público esteve tão voltada para as questões do Exército como nestes últimos anos. Os acontecimentos políticos sobrevindos na Argélia, as diversas crises, das quais o Exército foi o centro das preocupações, enfim a solução encontrada e o retorno do Exército à França, todos esses elementos obrigaram a Nação a interessar-se, nesta ocasião, pelo Exército, como corpo social, um corpo tendo seus próprios problemas e uma personalidade distinta, um Exército que não era, afinal, mais este "grande mudo" de um passado

extinto. No plano militar, por outro lado, desde o fim da guerra da Indochina, um desejo de informação e de renovação devia manifestar-se no mais alto escalão do comando. Foi assim que, por iniciativa do General Lecomte, foi criada, em 1958, uma comissão de sociologia militar, que devia representar, na Escola de Guerra, o papel dum centro ativo de estudos, de pesquisas, de discussão, permitindo, em particular, investigações sôbre o recrutamento do quadro de oficiais e a análise de suas estruturas. Estas investigações, conduzidas junto ao EME por oficiais, após a síntese dos elementos recolhidos pelos membros dessa comissão militar, permitiram afinal o presente estudo.

É preciso, pois, destacar dois fatos que dão uma certa defasagem ao *dossier* em relação à atualidade. Em primeiro lugar, o momento escolhido para a *enquête* corresponde, infelizmente, a uma situação de crise extrema: as dificuldades do momento e também uma falta de perspectiva limitam, assim, o alcance de um documento, atrasado agora em diversos pontos. Por outro lado, e sobretudo, o Comando, justamente consciente dos problemas expostos por Girardet, empreendeu um certo número de estudos, em busca de soluções. Uma tantas reformas postas em execução, mesmo que não tenham resolvido ainda tôdas as dificuldades, conduzem o Exército a novas estruturas. Parece, pois, indispensável completar a *enquête* apresentada por Girardet, referenciando-a agora à situação em 1964 e expor estas reformas de estrutura que merecem tôda nossa atenção. Com êste propósito, deixaremos de lado ainda a evolução psicológica, que desde 1962 é um fato para os quadros, para nos concentrarmos unicamente na evolução sociológica em curso.

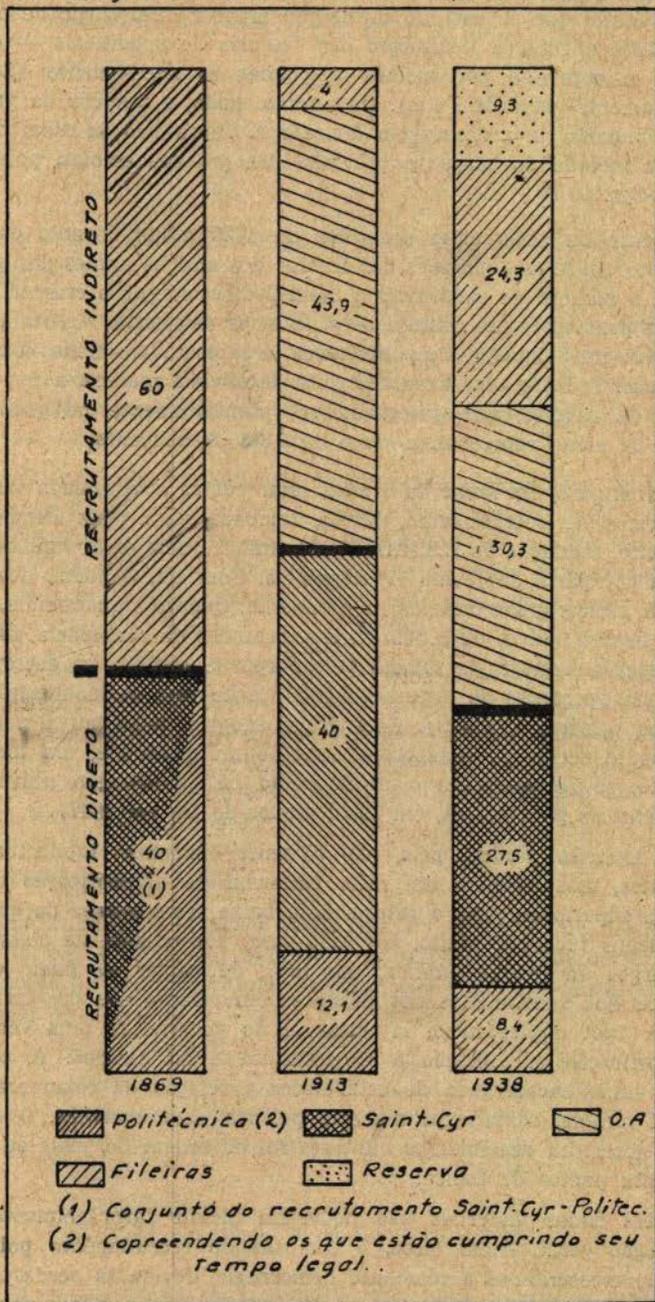
I — ASPECTOS SOCIOLÓGICOS DO DOSSIER

Além de um quadro institucional que regula o acesso na hierarquia e o emprêgo do oficial da ativa, choca-se a sociologia militar com um certo número de realidades sociais ou ideológicas mais difíceis de apreender. De que meios saem os jovens que se encaminham para a carreira das armas? Quais as motivações reais de sua vocação? Eis alguns dos problemas propostos por Raoul Girardet e Jean-Pierre Thomas no início de seu estudo. Dão particular destaque à complexidade do problema de recrutamento, que encaram de um ângulo histórico: com efeito, as modalidades de recrutamento direto não mudaram senão secundariamente, no curso de um século e meio. A principal alteração está na mutação da proporção respectiva das duas fontes tradicionais de recrutamento, e é em função destas duas variáveis, recrutamento direto ou por classe, que a sociedade militar se vê levada a mudar de aspecto.

O problema do recrutamento

Com efeito, é pelo estudo de suas origens que parece judicioso abordar tôda investigação relativa ao quadro de oficiais. É interessante

O Recrutamento do corpo de Oficiais em 1869, 1913 e 1938. Entre 1869 e 1938, o recrutamento direto (Saint-Cyr e Politécnica) caiu de 40 para 27%.



notar que à véspera de 1870, 60% dos oficiais provinha das fileiras. Sem considerar certas qualidades profissionais, o conjunto já não respondia àquilo que se está no direito de esperar dum corpo de oficiais. Entre 1874 e 1884, a instituição das "escolas de suboficiais — oficiais alunos" esforçava-se por melhor responder às necessidades (Saumur, Saint-Maixent, Versailles, etc.). Do mesmo modo, à véspera da primeira guerra mundial, a percentagem deixada à fileira não ia além de 4%. Mais da metade do conjunto provinha das grandes escolas, politécnica e Saint-Cyr.

Apesar da séria crise dos anos de 1920 a 30, durante os quais multiplicaram-se as demissões das fileiras dos antigos alunos das grandes escolas, o número de candidatos a Saint-Cyr recomeçou a crescer, conduzindo às promoções dos últimos anos de antes da guerra, particularmente brilhantes em Saint-Cyr. Os politécnicos já se esquivam menos à carreira das armas. Todavia, uma nova categoria de oficiais aparece, a dos antigos oficiais da reserva, que, integrando-se voluntariamente no quadro dos oficiais da ativa, representam cerca de 9,3% do conjunto.

Talvez para, em nome da coesão, lutar contra a demasiada variedade das formas de recrutamento, talvez, também, para mais democratizar o Exército, a criação do E.S.M.I.A. testemunhava uma certa vontade reformadora por parte da jovem IV República. Com ela, também, dever-se-ia produzir a mais grave crise de recrutamento. Quanto à quantidade, a integração nessas fileiras de 3.585 oficiais, oriundos da resistência, não pôde compensar a hemorragia sofrida pelo corpo de oficiais, no decorrer das sucessivas operações de depuração (658) e de uma desmobilização drástica dos quadros (12.679). Esta grave sangria quantitativa não tinha equivalente senão na indubitável redução da qualidade, em todo caso evidente, se se considera o nível médio de qualificação universitária (127 generais politécnicos, em 1939; menos de 10, em 1947).

O Exército perdeu, pois, não somente elementos intelectualmente brilhantes, mas também um fator essencial de diversificação de seus quadros superiores, para o futuro. Esta baixa momentânea da qualidade dos oficiais teve por efeito, em todo caso, por ocasião da classificação dos cargos da função pública; em 1947, de baixar de modo decisivo o índice dos vencimentos dos militares em relação aos dos civis: produziu-se "por aquiescência, às vistas... do governo... uma verdadeira desqualificação em relação à magistratura e ao ensino". A comissão Lainé, então encarregada de estabelecer a relação da remuneração do pessoal militar, devia exprimir esta política, sem equívoco. O rebaixamento geral dos vencimentos militares foi da ordem de, mais ou menos, cinquenta pontos de índice.

Estes dados materiais não poderiam incidir favoravelmente sobre a situação geral. Além disso, à corrosão do recrutamento politécnico deveria acrescentar-se a constante hemorragia, devida às perdas sofridas na Indochina e, logo após, na Argélia. Enfim, as partidas voluntárias

não cessaram de crescer, desde 1950. O balanço das perdas totais assim se definiu, para o Exército, de 1955 a 1959, incluídos nestes números os atingidos pelo limite de idade (cerca de 350):

1955	476
1956	731
1957	864
1958	1.042
1959	1.116

Duas conseqüências, interligadas, decorrem, normalmente, de tôdas essas condições:

1ª A proporção dos oficiais provenientes do recrutamento direto pelas grandes escolas, em 1958 diminuiu sensivelmente, em comparação com os períodos anteriores. De 52,1% em 1953 (12,1% pontetécnicos), em 1958 não era mais que de 35,9% (8,4% pontetécnicos) e decanô para 34,0% em 1958 (3,3% pontetécnicos).

2ª O recrutamento indireto, de crescente importância, tende igualmente a se diversificar. Além da *divisão corpo de tropa* do E.S.M.I.A., correspondendo numericamente as promoções das antigas escolas de suboficiais, oficiais-aunios (30% do conjunto do corpo de oficiais), outras fontes de recrutamento indireto viram seu consumo crescer sensivelmente: a reserva e a *meira*.

Como sublinha Raoul Girardet "o recrutamento de oficiais acaba, enfão, por se articular em torno de três núcleos principais, relativamente bem equilibrados: o recrutamento direto pelas grandes escolas (26,0% do recrutamento de 1950 a 1957), o recrutamento indireto pela "divisão corpo de tropa" do E.S.M.I.A. (28%) e o recrutamento nas *meiras* (26,0%, sempre para o período 1950-1957)".

O recrutamento direto

Quais as origens, sociais e familiares, do recrutamento direto, especialmente em Saint-Cyr? "Está clara a persistência, em certos meios, de tradições militares de caráter familiar, e a vitalidade dessas tradições é plenamente evidente."

Militares de carreira	40 %	(1)
Funcionários	17 %	(2)
Profissões liberais	12,5%	(3)
Profissões industriais	7 %	
Comércio	9 %	
Agricultura	5 %	
Diversos e sem profissão	9 %	

(1) (2) (3) Dos quais, respectivamente, 72% filhos de oficiais; e 7% e 7,5% filhos de pessoal dos quadros superiores.

O aumento da percentagem de filhos de militares é um fato marcante, no que interessa, sobretudo, aos filhos de suboficiais e gendarmes. Como a proporção dos filhos de funcionários civis tende a diminuir, enquanto a dos "pequenos quadros" parece aumentar, poder-se-ia falar de uma maior facilidade de acesso a Saint-Cyr, para certas classes. Mas o fato essencial que ressalta das diversas estatísticas, é muito mais um fenômeno de voluntariado. A percentagem mais importante de todas as categorias representadas, entre 1945 e 1958, permanece a de filhos de oficiais superiores ou de generais (19%). É esta categoria, em aumento em relação ao período de antes da guerra, que continua a "dar o tom". "Parece bem, pois, conclui o autor, que se esteja no direito de distinguir as manifestações de um fenômeno de dobramento, de uma espécie de retração da sociedade militar sobre si mesma".

Poder-se-ia contrapor a relativa diversidade do recrutamento social dos alunos de Saint-Cyr à forte identidade de motivos que os arrasta para a profissão das armas. Uma *enquête* efetuada pelo "Centro de Estudos e de Instrução Psicológica do Ar", junto aos candidatos ao concurso de admissão às grandes escolas militares, particularmente a Saint-Cyr, fez surgir três motivos principais: "gosto de servir — busca de um ideal", depois "militarismo" (térmo escolhido pelos pesquisadores para definir a fidelidade afetiva ao Exército, considerado como instituição nacional), por fim "o gosto pelo combate". Este último acha-se, freqüentemente, em oposição ao "gosto pela técnica" que parece estar acompanhado, nas amostras estudadas, de um desejo de estabilidade e de bem-estar material: é sempre, conclui o autor, ao padrão tradicional do oficial a que se referem, em sua grande maioria, os futuros alunos de Saint-Cyr.

O recrutamento indireto

No que diz respeito ao recrutamento indireto, temos de levar em conta, de um lado, a antiga "divisão corpo de tropa" do E.S.M.I.A., e de outro, a fileira e a reserva. No que agora é o equivalente ao *Coetquidan* da antiga escola Saint-Maixent, o estudo feito, para o período 45 a 58, interessa perto de 6.000 alunos. Trata-se, pois, do recrutamento considerável da metade dos oficiais do Exército.

Se a comparação com Saint-Cyr evidencia uma bagagem universitária bastante reduzida, em compensação verifica-se um certo paralelismo nas origens sociais, de diferença pouco sensível, não se tratando mais, dessa feita, de filhos de quadros superiores, porque a democratização é muito mais evidente. Entretanto, torna-se a encontrar o mesmo aumento contínuo de filhos de militares e o equivalente retraimento dos elementos saídos dos quadros superiores da função pública e da indústria: "apesar do indiscutível parentesco de características sociais, existente entre os dois recrutamentos, não se saberia como ratificar a opinião largamente difundida, segundo a qual o concurso de admissão para a (antiga) *divisão corpo de tropa* não constituiria... senão um meio "de enfeitar

Quadro dando a distribuição, segundo sua origem, dos Oficiais de 1950 a 1957

ANOS	REC. DIRETO		RECRUTAMENTO INDIRETO				
	Politecnica	Saint-Cyr	I.A.	O.A.-E.A.	Fleiteira	Reserva	
1957	1,4	29	19	6	30	8	6,6
1956	0,8	39	22	3,9	25	7,5	6
1955	1,3	32	26	4,5	13	15	8,2
1954	0,9	29,5	26	4,7	15	16,5	7,4
1953	0,8	25	29	8,4	21,4	8,4	7
1952	0,59	17	41(1)		29	6,4	6
1951	2,5	26,5	23,5		39		6
1950		28	33,5		33,5		5
TOTAL 1950 1957	1	27,5	28	3,5	25	8	7

 Politecnica
  Saint-Cyr
  I.A.
  O.A.-E.A.
 Fleiteira
  Reserva
  Serviços

(1) Duas promoções são oriundas da divisão corpo de tropa do E.S.M.I.A., em 1952

com o casuar os preguiçosos de boas famílias" (general Malgre)" Ademais, o E.M.I.A. atual não leva mais o casuar, e pode-se falar de promoção social, afora o acesso à dragona.

Para a fileira e a reserva, a sociologia militar não dispõe de tantos meios de investigação: o emaranhado das instituições, a multiplicidade dos casos, a ambigüidade de certas exigências administrativas, acarretam problemas de uma complexidade desorientadora. Parece possível agrupar em uma mesma categoria as escolas de armas (O.A.E.A.) e a fileira (F), em razão de uma quase similitude de características sociológicas. (Constata-se aí, além disso, uma eliminação progressiva dos elementos oriundos da Resistência, entre 1947 e 1960). Nenhum estudo de conjunto, é preciso reconhecê-lo, jamais lhes foi consagrado. Condenados em sua imensa maioria a não ultrapassar as graduações subalternas, em certos anos não fornecem um têrço das novas promoções de oficiais. Um estatuto especial lhes deve ser próximamente aplicado, do qual veremos as grandes linhas em nossa análise da situação atual.

A reserva constitui um outro conjunto de características diferentes, possuindo três fontes de recrutamento, em particular a regularização das situações adquiridas em 45 e a integração dos resistentes. Trata-se, enfim, da colocação na atividade dos O.R.S.A., oficiais de reserva em situação de emprêgo, tendo-se tornado sua integração mais fácil durante o período que precedeu o fim da guerra da Argélia.

A impressão decorrente de um estudo do recrutamento é a da retração crescente do corpo militar sôbre si mesmo. Agente poderoso de promoção social para um certo número, a carreira militar aparece como um fator não negligenciável de mobilidade social. Os autores são levados, em conclusão, a se perguntarem se a coesão do corpo militar não tenderia a ser abalada pela diversificação crescente dos modos de recrutamento. Estas tensões, variáveis segundo as unidades e as situações, foram acentuadas pelos acontecimentos. De fato, se há diferentes "espíritos", conforme pertença às diferentes subdivisões de armas (Legião, Caçadores, "Biffe-inté"), as tradições, a ação do comando, a adoção de uma ética comum continuam fatores de integração dominantes, continuando infinitamente variável o fator origem e escapando a tôda sistematização. Resta, apesar de sua imprecisão, um critério apreciável no estudo do corpo social estranhamente complexo que é a sociedade militar.

Estrutura e gênero de vida

A estrutura do corpo dos oficiais só faz acentuar a disparidade e os contrastes do recrutamento. Há, logo de saída, um desequilíbrio de idade: os mesmos grupos de idade não se encontram em tôdas as armas, sendo algumas mais "jovens" do que outras. Os serviços, particularmente, são mais "velhos". Este critério é importante, já que a idade do acesso e de permanência nos diferentes níveis de responsabilidade (isto é, de graduação, no Exército), "parece definir o estilo e a eficácia de um grupo dirigente". Este não é o único fator de disparidade, já

que no plano da melhoria é quase possível afirmar "que cada arma apresenta um delineamento de carreira que lhe é próprio e que determina uma política particular de gestão".

Estes fatores de disparidade vêm se juntar às diferenças de recrutamento que, em consequência, se traduzem em diversidade de origem militar: a proporção de ex-alunos de Saint-Cyr, servindo em determinada arma, confere-lhe um caráter "mais ou menos nobre". É assim que a arma blindada-cavalaria vem em primeiro lugar (38,4%), seguida de perto pela infantaria metropolitana (37,5%), depois pelos fuzileiros navais (35,7%) e a engenharia. Paradoxalmente, as duas artilharias, chamadas "armas sábias", vêm muito mais à retaguarda. O que é confirmado pelo fato de que as armas técnicas oferecem maior possibilidade de acesso aos antigos suboficiais.

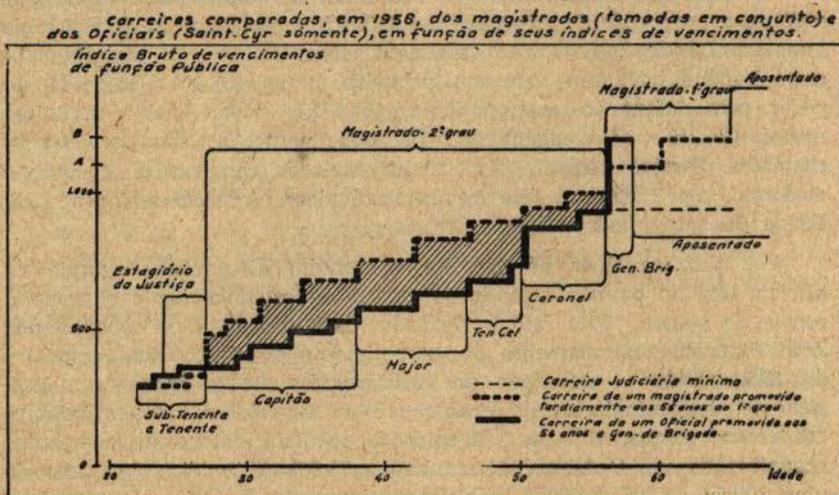
Por fim, os tipos de carreira são muito diferentes, segundo os oficiais tenham ou não seguido os cursos de estado-maior e chegado à escola de guerra. Este fato é realçado, com uma nota de espanto, por Jean Planchais, no momento do aparecimento do livro: numa amostra de 395 oficiais... os tipos de carreira são muito diferentes: 10% somente dos estagiários do ensino militar superior foram enviados à Indochina, contra 41% pertencentes à segunda categoria (elementos orgânicos de um C.A. na Alemanha) e 38,5% à terceira (quadros de uma divisão de infantaria... o bloco maciço que o Exército oferece — ou oferecia — a muitos olhos não é sem fissuras). Sem falar de "aristocracia das armas", pode-se todavia admitir que se certos oficiais têm o mesmo passado (origem, graduação, antigüidade semelhantes) e os mesmos parâmetros de utilização (qualificação profissional, condições de emprego), não têm o mesmo futuro.

Fôrça é, pois, concluem os autores, sublinhar que a tipologia dos oficiais não pode honestamente ser reduzida a alguns arquétipos simples. Cotejemos esta conclusão com a que fecha o capítulo do recrutamento, para afirmar que, em qualquer caso, a sociedade militar está longe da imagem sumária de uma sociedade monolítica, como a encara freqüentemente a opinião geral, não por malquerença, mas por simples ignorância do problema.

Quanto ao modo de vida, a principal conclusão que se tira para o período 45 a 62, é que o oficial francês não se implanta mais na coletividade nacional nas mesmas condições que sob a III República.

De um lado, a carreira militar, mais do que nunca caracterizada pelo risco, oferece também maior insegurança e instabilidade que os demais setores da função pública. Por questões de remuneração e de carreira, a profissão militar acha-se desvalorizada. Já entrevimos as consequências dos índices de classificação de 1947: as carreiras militares estão mais empanadas e menos favorecidas que a grande maioria das carreiras de funcionários civis. A melhor comparação possível é a representada no quadro abaixo, mostrando a distribuição comparada, em 1956,

dos magistrados (considerados em seu conjunto) e os oficiais do exército (somente os oriundos de Saint-Cyr), em função de seus indubitáveis índices de vencimentos.



A este sentimento de desclassificação, que contribui para promover um certo descrédito social e desamor à profissão das armas, é preciso acrescentar certo fenômeno de nomadismo e de expatriação, brutalmente trazido à luz, numa *enquete* feita pela "Comissão de Sociologia" da Escola Superior de Guerra, em 1959. Ressalta daí não ser somente no plano das estruturas, mas também quanto ao gênero de vida, que se deve encarar os diversos tipos de carreiras, entre as quais certas contradições são, às vezes, de primordial importância. Trata-se "de diferenças de experiências que podem também se traduzir por diferenças de atitudes", de mentalidade ou de comportamento...: (em comparação com os períodos precedentes), estes fatores de diversificação multiplicaram-se recentemente e tornaram-se consideravelmente ampliados".

Desta existência além fronteiras para a maioria do quadro de oficiais, fazem dezesseis anos, resultaram graves dificuldades familiares. Em 235 oficiais casados, tomados como referência, a duração média de separação é de perto de quarenta e oito meses, ou seja, 30,6% do tempo abrangido pela *enquete*. Tal situação acha-se ainda agravada pelas constantes dificuldades de moradia (o *deficit* de conjunto, em comparação com a necessidade dos quadros oficiais e suboficiais em janeiro de 60, era de 36.500). Enfim, o afastamento do pai devia criar, entre certas crianças da coletividade militar, problemas psico-educativos reais, próprios a este grupo, e reconhecidos pelos médicos de uma comissão oficial, criada em 1959.

Todos êstes fatores são resumidos na conclusão do *dossier*: "bloqueio de promoção a certos escalões da hierarquia, desclassificação da remuneração quanto à maior parte dos funcionários civis de categorias comparáveis, nomadismo e dificuldades materiais, transtornos para a vida familiar. Tantos fatores parecem levar o observador a concluir que se trata de uma crise social de uma excepcional gravidade, pela qual vem passando o Exército nestes dezessete anos... crise que não parece ter sido sentida com a mesma acuidade, segundo as gerações, a origem do recrutamento e os tipos de carreiras". Se bem que o autor apresente esta crise tanto como historiador quanto como sociólogo, e que dela fale como de uma experiência passada, um grande número de elementos relativos ao conhecimento do meio continua válido. Seja pelos recentes acontecimentos políticos ou pelo desejo de informação e de renovação pelo mais alto escalão da administração militar, ou por uma corrente de mudanças recíprocas, esta sociedade militar, que ficou por longo tempo congelada em seus estatutos de 1832, apelava, pois, por tal *enquête*. Mesmo conservando sua unidade, testemunhava uma diversidade cada vez maior e merecia um estudo sociológico, no que respeita ao corpo social propriamente dito.

Ocorre-nos agora, a partir dêsse estudo, distinguir quais são os elementos sempre válidos, os que não o são mais, enfim, qual a situação atual do Exército.

(Continua no próximo número)